

NOTAS SOBRE
O LATIM NO BRASIL

*Machado de Assis:
representações sobre saber latim no Brasil*



LATINĪTAS:
Uma introdução à língua latina através dos textos



NALPE
NÚCLEO DE ANTIGUIDADE
LITERATURA, PERFORMANCE E ENSINO



Machado de Assis: representações sobre *saber latim* no Brasil

Machado de Assis: representações sobre *saber latim* no Brasil

[Texto de Sílvio Bernal]

Em estudos de discursos e representações (CHARTIER, 1999; CASTILLO GOMÉZ, 2003), sobre o saber latim no Brasil, temos considerado os textos literários como fonte de pesquisa, uma vez que, na literatura, visões de mundo e concepções são desenhadas através do que falam as personagens e as situações que vivem. Aqui, tomamos como objeto de análise duas obras do século XIX de um dos nomes mais ilustres da literatura brasileira, Machado de Assis (1839-1908), com objetivo de explicitar as referências feitas à língua latina, buscando caracterizar, a partir da ótica do autor, os discursos acerca do latim no século em questão e as representações sobre a língua e sobre o saber latim que estão neles subjacentes.

Na obra *Dom Casmurro* (1889), já do último quartel do século XIX, nos deparamos com a personagem Bentinho, que é preparado desde menino por sua mãe com o intuito de se tornar padre. Nesse contexto, encontramos diversas passagens ligadas ao estudo de latim no romance. A primeira passagem interessante aparece logo no capítulo XI do livro, em que Bentinho cita que aprendera latim desde pequeno e depois vai narrar a respeito de uma brincadeira que fazia com *Capitu*, que se tratava de “celebrar uma missa” em casa, em que ele fazia o papel de padre e ela de sacristão:

No tempo em que brincávamos era assim, era muito comum ouvir à minha vizinha: “Hoje há missa?” Eu já sabia o que isto queria dizer, respondia afirmativamente, e ia pedir hóstia por outro nome. Voltava com ela, arranjávamos o altar, *engrolávamos o latim* e precipitávamos a cerimônia. *Dominus non sum dignus*¹... Isto que eu devia dizer três vezes, penso que só dizia uma, tal era a gulodice do padre e do sacristão. (MACHADO DE ASSIS, 1986, p. 22, grifos nossos)²

¹ *Dominus non sum dignus*: citação de um trecho do ritual católico da missa que, há alguns anos, era sempre oficiada em latim: “Senhor eu não sou digno (de que entreis na minha casa)”.

² Todos os grifos do texto desta seção são nossos.

Percebemos, através dessa passagem, que mesmo as crianças tinham contato com algum tipo de latim nessa época, devido ao uso no *domínio eclesiástico* (BURKE, 1995), porém a expressão “engrolávamos” deixa claro que era apenas um contato de ouvido, o que configura um contato com “elementos práticos” da língua e não com o seu conhecimento estrutural.

No excerto que se segue, notamos mais uma vez o tom irônico de Machado, quando Bentinho vai contar sobre suas primeiras experiências românticas, lamentando, posteriormente, o fato de se tornar padre no futuro: “Conhecia as regras do escrever, sem suspeitar as do amar, **tinha orgias de latim e era virgem de mulheres.** (...)” (MACHADO DE ASSIS, 1986, p.26).

Ainda no mesmo capítulo, temos uma passagem que nos mostra a caracterização da utilização desse latim pela igreja. Trata-se de uma comparação que Bentinho faz entre o altar e Capitu, citando o latim como uma língua que ninguém aprende.

Padre futuro estava assim diante dela como um altar, sendo uma das faces a Epístola e a outra o Evangelho. A boca podia ser o cálix, os lábios a patena. Faltava dizer a missa nova, **por um latim que ninguém aprende**, e é a língua católica dos homens. (MACHADO DE ASSIS, 1986, p.26)

Outra representação encontrada está no capítulo XXXI, que trata das curiosidades de Capitu. Em determinado momento, o narrador vai contando a respeito do que ela se interessava por aprender, quando faz a seguinte colocação a respeito do latim:

No colégio onde, desde os sete anos, aprendera a ler, escrever e contar, francês, doutrina, e obras de agulha, não aprendeu, por exemplo, a fazer renda; por isso mesmo, quis que prima Justina lhe ensinasse. **Se não estudou latim** com o padre Cabral foi porque o padre, depois de lhe propor gracejando, disse que **não era língua de meninas.** Capitu confessou-me que por essa razão acendeu nela o desejo de o saber. (...) (MACHADO DE ASSIS, 1986, p. 44)

Continuando ainda nesse mesmo capítulo, é interessante observar a curiosidade da menina Capitu em relação aos retratos de personalidades famosas na sala de visitas. Aparece a figura do agregado José Dias, que, como qualquer leitor do romance reconhece, não perdia oportunidade de demonstrar sua erudição, fazendo uso do latim para dar pompa a sua retórica, inclusive citando, em latim, a famosa frase atribuída a Júlio Cesar: *Até tu, Brutus?*:

... José Dias dava-lhe essas notícias com certo orgulho de erudito. A erudição deste não avultava muito mais que sua homeopatia de Cantagalo. Um dia Capitu quis saber o que eram as figuras da sala de visitas. O agregado disse-lho sumariamente, **demorando-se um pouco mais em César, com exclamações e latins**:

- César! Julio César! Grande homem! *Tu quoque, Brute?*

Capitu não achava bonito o perfil de César, mas as ações citadas por José Dias davam-lhe gestos de admiração. (MACHADO DE ASSIS, 1986, p. 45)

José Dias aparece novamente no capítulo XXXV para fazer uma advertência a Bentinho sobre o aprendizado de latim, no momento em que o rapaz se encontra perto de tirar férias e de se ver “livre” das lições.

Era muita felicidade para uma hora só. Um beijo e férias! Creio que o meu rosto disse isso mesmo, porque tio Cosme, sacudindo a barriga, chamou-me peralta; mas José Dias corrigiu a alegria:

- Não tem que festejar a vadiação, **o latim sempre lhe há de ser preciso, ainda que não venha a ser padre.** (MACHADO DE ASSIS, 1986, p.51)

Esse posicionamento de José Dias não é o mesmo do de Bentinho, que, no capítulo XCVI, quando está prometendo a Capitu que retornará de sua viagem à Europa, cita um discurso que é muito comum, até os dias de hoje, acerca da utilidade do latim, configurando a língua como necessária apenas pelo caráter religioso.

- Também eu. **Vou melhorar meu latim** e saio; nem dou teologia. **O próprio latim não é preciso**; para que no comércio?

- *In hoc signo vinces*, disse eu rindo.” (MACHADO DE ASSIS, 1986, p. 110)

Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881) é um romance também do final do século XIX e uma das obras mais conhecidas de Machado, razão pela qual a trazemos aqui nesse estudo. Passemos a discutir alguns excertos.

Logo no capítulo XXIV, intitulado *Curto mais alegre*, percebemos uma posição comum dada ao uso do latim, como elemento de cultura erudita, inclusive à necessidade de se conhecer pelo menos o mínimo do considerado “essencial” de cada uma das artes clássicas.

... Não tinha outra filosofia. Nem eu. Não digo que a universidade me não tivesse ensinado alguma; **mas eu decorei só as fórmulas, o vocabulário, o esqueleto. Tratei-a como tratei o latim; embolsei três versos de Virgílio, dois de Horácio, uma dúzia de locuções morais e políticas, para as despesas de conversação.** Tratei-os como tratei a história e a jurisprudência. Colhi de todas as coisas a fraseologia, a casca, a ornamentação... (MACHADO DE ASSIS, 1978, p. 54)

3 *In hoc signo vinces* – “Por esse signo vencerás”: esta frase aparece junto de uma cruz no estandarte de Constantino, imperador romano que fixou o cristianismo como religião do império, por volta de 313 a.C. É, pois, um símbolo religioso invertido ironicamente nesta passagem de *Dom Casmurro*, tomando o sentido de “Por este signo (o comércio) vencerás (na vida)”.

Nessa citação, percebemos um latim já encaixado como elemento acessório das elites, para o uso, como a própria personagem cita, “para as despesas de conversação”, talvez por isso a referência a Virgílio e a Horácio, uma vez que na figura dos dois reconhecemos a chamada fase de ouro do latim. Também percebemos, através desse trecho, que o latim poderia ser recorrente em meio às conversas entre pessoas mais instruídas, e que o “saber latim” se fazia necessário em algumas ocasiões.

Ainda em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, encontramos a seguinte passagem com referências a Cícero e a Virgílio:

– Já sei, desta vez vai ler Cícero – disse-me ele ao saber da viagem. – Cícero! – Exclamou Sabina. – Pois então? Seu mano é um grande latinista. Traduz Virgílio de relance. Olhe que é Virgílio, e não Virgília . . . não confunda ... (MACHADO DE ASSIS, 1978, p. 113)

Na ocasião, a personagem Brás está partindo de viagem e outra personagem, Garcez, usa o nome de Virgílio para fazer alusão ao envolvimento de Brás com a mulher da personagem Lobo Neves, Virgília, característica de um humor tipicamente machadiano. Observamos também que o próprio Brás, que já havia dito que sabia apenas o básico do latim, é tomado por Garcez como grande latinista.

Na leitura que aqui se propôs, encontramos nas obras selecionadas de Machado de Assis, alguns aspectos comuns relacionados ao uso de latim no século XIX: o conhecimento da “casca” da língua como instrumento de base para a conversação em ambientes cultos, como disse o próprio Brás Cubas; a famosa figura do padre que ensina latim, recorrente em diversos textos literários; a caracterização como uma língua própria de homens e frequentemente ligada à igreja; as discussões sobre a utilidade do conhecimento da língua; as diversas referências aos famosos escritores da literatura latina.

Assim, ainda que em abordagem introdutória da questão e com vistas a se propor elementos para uma *história social do latim no Brasil* (AMARANTE, 2013), os textos literários podem se converter em excelentes objetos de estudo de representações sobre o latim e sobre o saber latim no Brasil.

REFERÊNCIAS:

AMARANTE, José. *Dois tempos da cultura escrita em latim no Brasil: o tempo da conservação e o tempo da produção*. Projeto de doutorado. Salvador: Programa de pós-graduação em língua e cultura/UFBA, 2010.

BURKE, Peter. *A arte da conversação*. Trad. Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Historia de la cultura escrita. Ideas para el debate. *Revista Brasileira de História da Educação*, nº5, jan./jun., 2003.

CHARTIER, Roger. *Escribir las prácticas: discurso, práctica, representación*. Cuadernos de trabajo nº 2. Edición de Isabel Morant Deusa. España, Valência: Fundación Cañada Blanch, 1999.

MACHADO DE ASSIS. *Dom Casmurro*. São Paulo: Ática, 1986.

MACHADO DE ASSIS. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

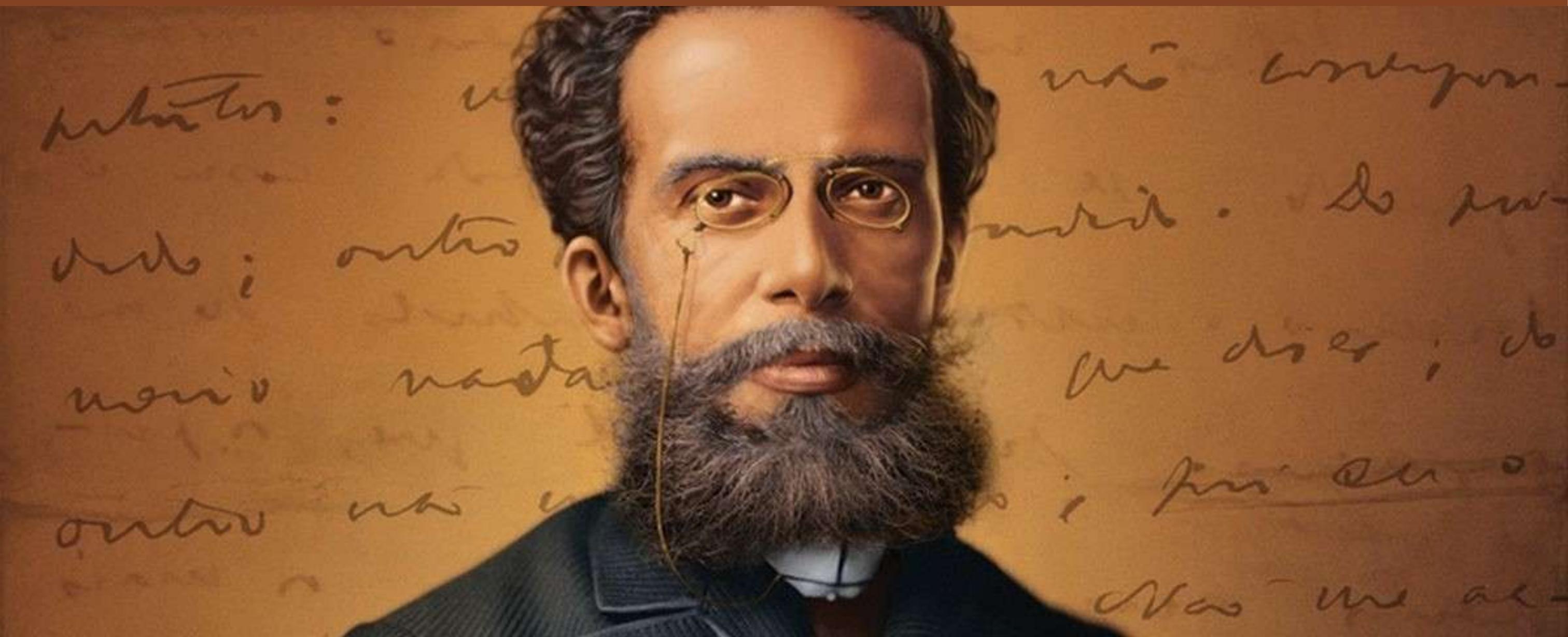


Imagem extraída do site do Centro Cultural do Brasil em Barcelona